

## JOVENS PRIVADOS DE LIBERDADE: DIÁLOGOS SOBRE O CORPO A PARTIR DA CAPOEIRA

*YOUNG PEOPLE DEPRIVED OF FREEDOM: DIALOGUES ON BODY FROM THE CAPOEIRA*

*JÓVENES PRIVADOS DE LIBERTAD: DIÁLOGOS SOBRE EL CUERPO DESDE LA CAPOEIRA*

**Danilo Seithi Kato**

Licenciado em Ciências Biológicas pela USP/RP (2003) e Doutorado em Educação (2014) pela UNESP – campus Araraquara. É professor da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM, na Faculdade e no PPGE – Mestrado em Educação. E-mail: [danilo.kato@uftm.edu.br](mailto:danilo.kato@uftm.edu.br)

**Laudeth Alves dos Reis**

CSEUR (Centro Socioeducativo de Uberaba); UFTM, pois participo do NUCORPO (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Corporeidade e Pedagogia do Movimento). E-mail: [laudeth.alves@outlook.com](mailto:laudeth.alves@outlook.com)

### RESUMO

Este artigo analisa os posicionamentos discursivos de participantes de uma experiência pedagógica denominada “Capociência”. Os sujeitos do estudo são jovens privados de liberdade, agentes socioeducativos e mediadores participantes da intervenção pedagógica que acompanharam as atividades em uma instituição pública. Os procedimentos metodológicos partem de uma abordagem qualitativa da Educação e utilizou-se um roteiro de entrevista estruturada, produções textuais dos jovens, fotos e telas de artes visuais produzidas ao longo das atividades. Como principais resultados, é possível indicar que as contradições emergentes dos discursos sobre o corpo possibilitaram um enriquecimento do potencial pedagógico de inclusão, a partir da capoeira como elemento mediador de diálogos possíveis entre saberes populares e científicos com ênfase na noção de corpo.

**Palavras-chave:** Capoeira. Jovens infratores. Inclusão. Corpo.

### ABSTRACT

This article aimed to analyze the discursive placements of subjects participating in a pedagogical experience called "Capociência". The subjects of the study are young people deprived of freedom, those agents and mediator participants of educational intervention that accompanied the activities in a public institution. The methodological procedures are based on a qualitative approach of education and used a script structured interview, textual youth productions, pictures and screens of visual arts produced during the activities. As main results, it is possible to indicate that the emerging contradictions of body discourses have made it possible to enrich capoeira's pedagogical potential of social inclusion, with capoeira as a mediator element of possible dialogues between popular and scientific knowledge, with an emphasis on the body notion .

**Keywords:** Capoeira. Young People Deprived of their Freedom. Social inclusion. Body.

### RESUMEN

Este artículo analiza las posiciones discursivas de los participantes en una experiencia pedagógica denominada "Capociência". Los sujetos de estudio son jóvenes privados de libertad, agentes socioeducativos y mediadores que participaron en la intervención pedagógica desarrollada en una institución pública. Los procedimientos metodológicos parten de un enfoque cualitativo de la educación y utilizan un guión de entrevista estructurada, producciones textuales de los jóvenes, fotos y artes visuales producidas a lo largo de las actividades. Entre los principales resultados, es posible indicar que las contradicciones surgidas en los discursos sobre el cuerpo permitieron el enriquecimiento del potencial pedagógico de la inclusión, con la

Capoeira como mediador de posibles diálogos entre el conocimiento popular y el de la ciencia, con énfasis en la noción del cuerpo.

**Palabras-clave:** Capoeira. Jóvenes privados de libertad. Inclusión. Cuerpo.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar os posicionamentos discursivos dos sujeitos participantes de uma experiência pedagógica denominada “Capociência”, que teve como ponto de convergência questões associadas ao corpo, enquanto representação complexa de vivências. Esses discursos foram proferidos por jovens privados de liberdade e agentes socioeducativos que participaram de um projeto extracurricular realizado em uma instituição pública de Minas Gerais, que atende jovens em conflito com a lei. A referida ação pedagógica, denominada “Capociência”, teve como enfoque promover a formação cidadã a partir de elementos simbólicos próprios dos conhecimentos relativos à capoeira, em diálogo com os conteúdos escolares, em especial com as ciências naturais. Além disso, o momento permitiu promover o protagonismo da cultura negra (africana e afro-brasileira), em uma perspectiva intercultural, historicizada e dialogada com temas educativos, políticos e epistemológicos.

O projeto “Capociência” envolveu um grupo de profissionais, em uma equipe multidisciplinar. A aposta foi partir de metodologias educacionais com enfoque nos diálogos entre diferentes saberes, com o intuito de promover a reflexão sobre aspectos da história e cultura afro-brasileira e, portanto, sobre a educação inclusiva. A premissa inicial é a de que há um potencial pedagógico que emerge da capoeira, enquanto cultura, para o estabelecimento do diálogo entre saberes próprios do conhecimento da capoeira e os saberes escolares.

Essa perspectiva está pautada na produção coletiva de educadores de diferentes áreas do conhecimento, que promovem intervenções educacionais de caráter interdisciplinar. A iniciativa associou professores da educação básica, pesquisadores e estudantes universitários, bem como associações da sociedade civil ligadas à capoeira. Dessa forma, foram priorizadas atividades educativas centradas no corpo, na arte e cultura populares, e comprometidas com a inserção de questões reais e urgentes relativas às dimensões históricas da cultura afro-brasileira.

Contudo, ao analisar o contexto da instituição em que o projeto foi executado, nota-se um cenário conflituoso entre valores de controle e disciplinarização dos corpos e a missão pedagógica. A operacionalização das ações em uma unidade socioeducativa prevê um conjunto de práticas políticas, jurídicas e pedagógicas a serem desenvolvidas cotidianamente com intuito de reintegrar o jovem em conflito com a lei nas esferas sociais.

Ao privar um adolescente de sua liberdade de ir e vir, é importante ressaltar que a intenção é exclusivamente pedagógica, e não punitiva (GURALH, 2010; VOLPI, 2011). Cunha e Dazzani (2016) chamam a atenção ao fato de que a maioria advém de uma classe social estigmatizada, escopo de preconceitos e estereótipos comumente facultados a jovens de baixa renda, em sua maioria negros.

A medida socioeducativa possui vários níveis de hierarquia, sendo que a de internação é a forma mais grave, que deve ser deliberada aos adolescentes que cometeram atos infracionais graves. Volpi (2011) acrescenta que essa medida guarda em si conotações coercitivas e educativas, uma vez que o confinamento, em si, já é adverso à condição humana. Teixeira (2015) sublinha, quanto à tendência ao fechamento, que indica a primeira “mutilação do eu”, pois traduz barreiras que configuram o impedimento das relações entre o institucionalizado e o mundo exterior.

Ainda segundo Volpi (2011, 2014), a prática do ato infracional não pode ser entendida como intrínseca à identidade, mas sim como uma circunstância de vida que pode e precisa ser modificada a partir de formação voltada a valores positivos de participação na vida social, com o envolvimento familiar e comunitário.

Sendo assim, a restrição da liberdade deve consistir exclusivamente na limitação do exercício pleno do direito de ir e vir e não de outros direitos constitucionais, premissa para a sua inclusão na perspectiva cidadã. Sobretudo, pela condição de sujeitos de direitos, capazes de fazer uma ruptura com a trajetória infracional, vislumbrando desse modo, a construção de um projeto de vida que possibilite um futuro digno e promissor (PADOVAN; RISTUM, 2013).

Por este prisma, as ações e as intervenções, adotadas na ação que é objeto deste estudo, buscaram a valorização do movimento na capoeira como elemento gestual de identidade e memórias corporais, desde a sua ancestralidade. A partir da contradição da definição da capoeira enquanto luta, dança ou jogo, propiciou-se a construção de um

sentido cultural para o corpo como forma de integrar um cenário controverso entre violência simbólica, opressão e ações formativas de caráter inclusivo.

Tendo como gênese as premissas e problemáticas aqui instauradas, o presente artigo busca a análise dos discursos sobre o corpo no contexto do “Capociência”, como forma de mobilizar concepções e percepções sobre o eixo corpo-educação, em uma ação pedagógica específica. As questões geradoras da pesquisa foram construídas a partir do seguinte problema: Quais compreensões sobre o corpo emergem do discurso dos sujeitos envolvidos em um projeto envolvendo a tradição da capoeira em uma instituição que atende jovens privados de liberdade? Assume-se que as noções sobre o corpo revelam aspectos fundamentais do projeto analisado, e que, por sua vez, têm a motricidade, o movimento, o gesto, e a ancestralidade como cerne de sua proposta. Desta forma, entende-se que a proposta pedagógica mobiliza reflexões no sentido da Educação Inclusiva a partir de tecnologias educacionais, nomeadamente o diálogo sobre o corpo e os saberes científicos escolares, a partir da capoeira como manifestação cultural afro-brasileira.

O texto está estruturado de forma a apresentar o referencial teórico sobre os estudos da corporeidade e da interculturalidade crítica como fundamento para análise dos dados construídos. Na sequência são delineados os procedimentos metodológicos para avançar com as interpretações e discussões sistematizadas nos resultados. O artigo finaliza com as implicações da análise para ações que utilizem a capoeira como elemento pedagógico intercultural e de valorização da corporeidade, ludicidade e do movimento como forma de construção e reafirmação das identidades com vistas à Educação Inclusiva.

### **Referencial teórico**

A escolha da temática da capoeira justifica-se por sua origem e identidade afro-brasileira e por seu importante potencial educativo. É a partir dessa prática cultural que inúmeros elementos sócio-culturais revelam tensões e contradições sociais que representam a própria história e cultura da sociedade brasileira.

A capoeira pode ser encarada hoje, por órgãos governamentais e não-governamentais, como manifestação cultural afro-brasileira que foi reconhecida como patrimônio imaterial da humanidade (UNESCO, 2014). Contudo, é importante considerá-la

como manifestação organizada e implicada na luta pela sobrevivência de corporeidades negras, a qual consolida a sua dimensão de resistência cultural em decorrência de sua gênese, engendrada em uma conjuntura de escravidão no Brasil. Como já abordado em diferentes estudos e registros documentais, o cenário de intensa opressão e a desumanização do africano trazido como escravo, constitui o contexto de surgimento da capoeira que se consolidou, ao longo do tempo, como ato subversivo contra a ordem moral instituída (SOARES, 2004).

A referida ordem moral pode ser compreendida na própria forma de operacionalização da escravidão brasileira, pois, em suma, havia uma estratégia de docilização dos corpos e silenciamento cultural. É sabido que, neste contexto histórico, negros que falassem a mesma língua e pertencessem à mesma etnia não poderiam conviver juntos, se comunicar, manter viva a sua história e identidades pois estavam submetidos à cultura do colonizador. Essa estratégia tinha como meta o enfraquecimento da noção de comunidade e, portanto, impossibilitar revoltas em relação ao sistema escravocrata até então vigente (SOARES, 2004).

Assim, desde sua origem, a capoeira esteve relacionada com um contexto de opressão e sua continuidade evidencia a força dos elementos simbólicos que a compõem. O reconhecimento desta prática como “esporte nacional” pelo presidente Getúlio Vargas, em 1941, oportunizou aos mestres e praticantes a saída da ilegalidade e possibilitou a criação das primeiras academias de ensino; a capoeira foi reconhecida pelo poder público como “ginástica nacional”.

Há aqui a primeira contradição entre esporte e cultura, uma vez que a competição desportiva, neste caso, esvaziou a prática de alguns elementos culturais próprios da capoeira, como por exemplo a religiosidade de matriz africana. Nas contradições e resistências relacionadas à capoeira, reconhece-se um elemento pedagógico privilegiado para o autorreconhecimento e a articulação com a perspectiva de um sujeito coletivo e historicizado, em uma sociedade de acirradas disputas e intensos processos de marginalização social.

Outro ponto importante a ser destacado é que se assume destarte que os processos educativos não devem enfatizar apenas os problemas da sociedade escravocrata, vitimizando o negro escravizado no Brasil, mas também, e principalmente, aspectos

positivos da cultura e produção de conhecimento proveniente da influência do povo africano em nossa própria identidade cultural.

Dessa forma, ao considerar a capoeira como universo temático, assumem-se expressões singulares da arte e cultura populares, tais como a musicalidade, o ritmo e os movimentos que apresentam elementos da memória, dos gestos e de resistência cultural das comunidades afro-brasileiras.

Segundo Abib (2004), a capoeira abriga saberes significativos da ancestralidade, que compõem a história da sociedade brasileira, neste campo simbólico do jogo, da oralidade e da ritualidade dos mestres. Nesse sentido, é possível identificar a memória social vinculada às culturas e tradições populares dos povos historicamente marginalizados, inclusive a “história não contada” dos derrotados no sistema colonial, que caracterizou a época moderna.

O potencial pedagógico intercultural e crítico provém de uma abordagem temática e dialógica, entre os saberes da capoeira e os conteúdos científicos escolarizados. Afinal, a interculturalidade crítica, além de não considerar as perspectivas funcionalistas ou integracionistas do multiculturalismo em relação aos grupos sociais subalternizados, assimila a realidade colonizada e de intensas assimetrias sociais e econômicas que caracterizam os países latino-americanos, no intuito de superá-las (WALSH, 2010).

A fim de efetivar o encontro entre os saberes científicos e tradicionais por meio da capoeira, durante o projeto Capociência, foi criada pelos jovens uma narrativa intercultural, com personagens fictícios representantes destes diferentes universos culturais, que discorriam acerca das especificidades de seus contextos. A partir da sistematização realizada no presente trabalho, foi possível identificar diálogos entre os diferentes saberes emergentes da concepção/percepção sobre o corpo nos discursos dos sujeitos participantes.

A capoeira, historicamente demonstrou, e ainda demonstra, a força de buscar seu destino fugindo às possibilidades de ser uma pedagogia de amestrar corpos. Isto é corporeidade, um ser unitário busca se conhecer, conhecer melhor os outros e o mundo e se comprometer com uma vivência cidadã.

O existencializar da corporeidade remete ao entendimento do jogo e do esporte como um sentido muito mais artístico —e como direito de todos—, que a conceituação de técnica —e excludente. Corporeidade “não pode ser analisada apenas da perspectiva

individual e atrelada aos padrões das ciências experimentais”. Ela deve levar o aluno a se preocupar com o corpo que se movimenta frente “às questões de ordem social, política, religiosa e econômica” (MOREIRA; SIMÕES, 2016, p. 145).

Sendo assim, a corporeidade, via capoeira, pode propiciar junto aos seus praticantes a compreensão de palavras que hoje pouco sentido têm no entendimento do ser humano: sentir, agir, pensar, ousar, sonhar, criar, transcender, entre outras. Em última instância, a transformação do sentido de corpo —com toda a sua estrutura ligada aos dualismos históricos—, para corporeidade, permitirá outra concepção do sentido do humano no homem.

### **Procedimentos metodológicos**

A pesquisa foi orientada dentro de uma abordagem predominantemente qualitativa (BODGAN; BIKLEN, 1994; LÜDKE; ANDRÉ, 1986), com observação-participante e cuja análise dos dados foi descritiva (FLICK, 2004). Sobretudo, com recorte na análise dos discursos dos sujeitos participantes a partir de uma perspectiva compreensivo-interpretativa.

Como instrumento de análise, utilizou-se um roteiro estruturado para uma entrevista realizada após a conclusão do projeto Capociência, bem como as produções orais e representações pictóricas registradas ao longo do processo de investigação. As questões geradoras consistiram em: “O que o Projeto Capociência significou pra você?”, para os jovens participantes do projeto; e “Como você viu o desenvolvimento do Projeto Capociência?”, para os agentes socioeducativos. Os sujeitos da pesquisa foram 14 jovens e 2 agentes que aceitaram espontaneamente o convite para participar da entrevista.

Após transcrição da entrevista e organização do material produzido pelos jovens, houve a fase de sistematização das informações a partir de leituras sequenciais que priorizaram a organização do material constituído por diferentes narrativas. A leitura cruzada permitiu o agrupamento dos dados em unidades de análises, que foram nomeadas frente aos aspectos mais constantes e emergentes das leituras entre textos e produções. Essas unidades foram aproximadas ao referencial teórico construído, caracterizando o caráter exploratório e descritivo da pesquisa, que buscou regularidades e irregularidades nos discursos, em uma perspectiva colaborativa entre entrevistadores e entrevistados, a

partir das singularidades contidas na experiência relatada por cada ator participante (SOUZA, 2014).

Importante delinear os procedimentos que estruturam as ações junto à instituição em destaque. Esse trabalho coletivo foi realizado durante os meses de maio a novembro de 2017, com quatro turmas do Ensino Fundamental II, com a participação ativa de dois professores de Ciências na equipe do projeto. As atividades do projeto ocorriam em períodos extraclasse, uma vez por semana, bem como durante as aulas de Ciências em que foi disponibilizada uma hora/aula semanal para esta finalidade.

O projeto foi organizado de forma a construir, conjuntamente com os jovens participantes e a equipe mediadora, uma narrativa central envolvendo a manifestação cultural da capoeira e os possíveis diálogos com o conhecimento escolar, em especial relativos às ciências naturais e à história do Brasil. A ideia foi promover encontros em que questões teóricas e práticas da capoeira fossem problematizadas em seu contexto histórico e social, por isso denominados “oficinas”, enquanto momentos de vivenciar os conhecimentos adquiridos. Os pontos de controvérsia culturais foram enfatizados como forma de auxiliar a construção da narrativa e das personagens que representavam situações próprias da realidade vivenciada pelos jovens.

O uso de filmes, pinturas, contação de histórias, dramatizações e outras práticas culturais, foram as estratégias didáticas utilizadas para a criação da narrativa, a partir dos princípios da ludicidade, corporeidade e movimento. A ação culminou com uma apresentação cultural na Universidade, tanto para a fruição estética, como para a exposição de elementos do imaginário social da cultura africana e da cultura afro-brasileira, emergentes durante o processo criativo. A partir das oficinas e escrita conjunta, houve a possibilidade de produzir uma narrativa comum, a ser representada por meio da expressão corporal; a dramatização não continha sequer um diálogo verbal.

Destacamos ainda que a pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFTM sob o parecer CEP N. 1.343.986.

## Resultados

Analisando os objetos deste estudo, em especial as entrevistas, verificamos alguns elementos que aparecem com certa regularidade. Por exemplo, a ideia de regras e

disciplina, mudanças de hábitos constituem marcadores recorrentes nos discursos. Outra ideia identificada foi a questão do sentimento de pertencimento, de comunidade, de coletividade. Além do discurso que é marcadamente constituído pelas ideias de liberdade identitária, do corpo mudo/silenciado —quando não podem participar— e da possibilidade de autoria ou de expressão a partir do movimento. Assim, a seção foi organizada a partir de temáticas emergentes no que concerne à contradição da noção de corpo entre a cosmovisão da capoeira e aquela exposta na relação com os conteúdos e contextos da instituição socioeducativa.

### 1 - O corpo disciplinado e o corpo ancestral

No caso da privação de liberdade, o corpo é colocado em um sistema de coação, obrigações e interdições. A própria condição do acautelamento denota punição; também nos deparamos com a exigência de padronização, se pensarmos a partir de uma visão desse corpo como útil e disciplinado pela necessidade do cumprimento de ordens, não eximindo o seu caráter legal. Configura assim, uma adequação à ordem moral, expressa na fala dos agentes sobre a disciplina e organização propiciada pelo projeto, como no exemplo a seguir:

“O capociência foi um projeto que abriu portas para várias oportunidades aos adolescentes da unidade, pois a capoeira é uma cultura que fala um pouco da história e da disciplina além de abrir a mente e mostrar o caminho correto [...]”

Ou na fala do jovem

“Só que com esse projeto me ajudo a ter adaptação bem melhor do socioeducativo, tive que me conformar com os meus erros e espinhos criados aqui dentro e que tenho que buscar o autocontrole.”

Estudiosos têm apontado novos rumos para se pensar o corpo, não somente como instrumento disciplinado; como o entendimento que se busca neste estudo reside na necessidade de ressocialização desses jovens, demanda-se certamente, mais estudos e pesquisas a esse respeito. Pensar um corpo fragmentado, como mãos que pegam, pernas que correm, na tentativa de particularizar e especializar as partes, visto que o corpo é um conjunto de unidades interligadas a todo momento, na interdependência de suas funções e relações estabelecidas entre si. Logo, a complexidade corpórea inclui uma estrutura

repleta de significados e significantes durante toda uma existência (SANTIN, 2011; NÓBREGA, 2010; GONÇALVES, 2012).

A seguir, apresentamos trechos de músicas criadas por alguns jovens, ao retratarem de modo singular e consciente, o que pensam a respeito: “Quando tem disciplina/o respeito a gente aprende/com meu mestre eu venho/aprendendo a manter a disciplina [...]”; “Quando criança eu passava veneno/com a disciplina eu fui aprendendo/veio um rapaz e me ensinou/que a capoeira é paz, justiça e amor.”

Por isso, pensar a corporeidade nesse momento traduz a percepção de um corpo livre, capaz de expressar a mais verdadeira existência do homem. Em algumas oficinas houve a realização de pinturas por parte dos jovens para a construção da narrativa intercultural. A proposta foi representar o contexto histórico e as personagens; dar significado à arte de acordo com os conhecimentos adquiridos no decorrer do projeto, que resultou na criação da narrativa intercultural, de forma a materializar aspectos da história, bem como promover a continuidade do enredo.

A figura a seguir mostra a representação feita por um jovem do personagem “Pedro”, antagonista do enredo que ocorre no período imperial, e que possui origem portuguesa e desempenha a função de funcionário da guarda imperial quando adulto. A opção por um personagem branco, filho de portugueses e que, a priori, faz amizade com o protagonista negro e filho de escravos alforriados, foi totalmente construído pelo coletivo de jovens participantes. O desenho evidencia uma indumentária, postura, cores que são escolhas do próprio autor e sem nenhum modelo visual anterior.

Figura 1 – Representação das personagens da narrativa construída coletivamente ao longo das atividades do projeto.



Fonte: Arquivo da instituição (usada com permissão)

Importante ressaltar o imaginário do contexto histórico e das relações de poder estabelecidas a partir do corpo na representação dos jovens. Enquanto a pintura do personagem Pedro traz uma postura ativa, com indumentária aristocrática e de pele branca, representaram o personagem “Feijão” como um homem negro, sem camisa, com ar guerreiro.

Em outra oficina, e com base em um dos filmes que assistiram, “Mestre Pastinha”, a discussão esteve focada na figura do mestre, bem como no seu papel na capoeira, o que é necessário para também ser um mestre e como ele aprende/ensina os fundamentos desta manifestação cultural. A partir daí aprofundou-se no surgimento e relação da capoeira com a história do povo brasileiro. Resultou em ilustrações que caracterizam fisicamente um mestre, além de representar também, sua personalidade. Segundo Araújo (2015), em um grupo de capoeira todos aprendem tendo este – o mestre – como referência, de modo objetivo e subjetivamente, pois ocorre um processo de simbiose que resulta em mútuo aprendizado, visto que ele ensina aprendendo.

Figura 2 - Ilustrações feitas pelos jovens após assistirem o filme “Mestre Pastinha”



Fonte: Arquivo dos proponentes do projeto (utilização autorizada)

Novamente é possível notar nas representações anteriores o papel do corpo na caracterização das relações sociais no imaginário dos jovens. A movimentação, a inversão da posição dos corpos, os objetos, acessórios e as expressões revelam aspectos da corporeidade que apontam para relações de aproximação e distanciamento das personagens na história construída.

Houve ainda uma oficina em que outro filme serviu de disparador para discussões concernentes à narrativa que vinha sendo construída coletivamente pelos jovens. A repercussão do filme “Besouro” foi impactante, de tal forma que e jovens passaram a se

apropriar do mesmo estilo estético de personagens, como o modelo de corte de cabelo do “Exu”. A ilustração a seguir, retrata o destaque dado no cabelo:

Figura 3 - Ilustração do filme “Besouro”



Fonte: Arquivo dos proponentes do projeto (utilizada com autorização)

A dimensão estética da corporeidade revela a relação identitária que se estabelece neste processo pedagógico de construção de narrativa. Observando a mudança estética em alguns jovens após as sessões do projeto, foi possível evidenciar a importância das atividades realizadas para o estabelecimento de um vínculo e sensação de pertencimento a um grupo cultural.

Ainda referente ao filme, os jovens tiveram a oportunidade de vivenciar um trabalho interdisciplinar durante as aulas de ciências, referente às doenças da época, trazendo-as para a atualidade, com vistas às prevenções e tratamentos necessários. Contribuiu significativamente para a escrita da narrativa intercultural, o fato de apontarem temas observados, como por exemplo: doença varíola; desmaio coadunado com a isquemia cerebral; procedimentos de primeiros socorros (sinais vitais: temperatura, pulso, respiração, fraturas); hemorragia interna e externa; e, por fim, vasos sanguíneos e a artéria femoral. Todos estes conteúdos científicos escolares emergiram do debate do filme, na narrativa escrita pelo grupo. Ao pensar o contexto histórico e a dinâmica do enredo construído, foram buscar nas aulas de ciências informações que auxiliassem na construção de um processo que culminasse em um clímax narrativo. Este aspecto de cruzamento de fronteiras culturais, que se busca em uma conjuntura de intensas assimetrias, aposta para o processo educativo destes jovens (WALSH, 2010)

Machado e Araújo (2015) salientam o corpo enquanto lugar sagrado, expresso na condição existencial do ser e que, por sua vez, demanda cuidados. A esse respeito, apontam o desvelo manifesto na figura, por exemplo, do Mestre Pastinha, ao frisar a importância do cuidado com o corpo do outro, compromisso ético que deve ser assumido por todos os envolvidos na prática da capoeira. Sendo assim, para os autores, o corpo representa a expressão materializada do ser, devendo ser devidamente cuidado tanto individual quanto coletivamente, como manifestação do processo educativo rumo à autonomia.

Faz-se necessária a compreensão da ancestralidade no contexto das relações sociais, as quais propiciaram a criação de estratégias próprias para remeterem aos seus ancestrais. No entanto, é fato que, em detrimento do contexto histórico de exploração e exclusão, tiveram que adaptar os antigos padrões ao contexto atual. Desse modo, a ancestralidade se revela na capoeira por se constituir também de rituais que marcam imagens históricas de memória cultural, que se materializam nos gestos corporais, a partir de tradições que se atualizam na medida que inserem e interpretam o mundo, como no enunciado de um jovem reproduzido a seguir.

“[...] Capoeira não é uma luta é uma arte, dança ou até um jogo. Ela é muito bom de se praticar, saber a origem de onde ela veio como ela surgiu compreender nossa história.”

Tendo em vista o entendimento desse jovem, fica evidente que a capoeira possui um potencial educativo importante para o autoconhecimento e, mesmo, para a conexão com a perspectiva de um sujeito coletivo e historicizado, ou seja, um ser no mundo que se constrói a partir das relações que estabelece consigo próprio, com o outro e o com contexto.

Abib (2004) admite a presença marcante da cultura africana, bem como o seu potencial educativo para além da racionalidade moderna, uma vez que a capoeira oferece a possibilidade do reconhecimento de raízes para a formação da autonomia do sujeito, assim como a construção das práticas cotidianas, preservadas e transmitidas nos valores e princípios preservados pelos mestres.

Bonfim e Andrade (2012) corroboram que é no corpo onde estão expressas as tradições e, por sua vez, é por meio dele que são mantidas. Por isso, ao praticar a capoeira não se trata de reproduzir mecanicamente movimentos e técnicas, mas a assimilação de

princípios ancestrais, preservando valores coletivos. Machado e Araújo (2015) definem a capoeira como uma práxis educativa, transformadora e libertadora. Acredita na forma de educação mais inclusiva e inclinada para o crescimento humano e integral.

Um fragmento da narrativa, expressa visivelmente esta ideia “[...] as pessoas são iguais e o respeito, a humildade e a educação devem estar acima de tudo”; já em outro, asseveram “[...] a capoeira era para todos”. Abib (2004) salienta que o crescimento das pessoas só tem sentido quando configura fortalecimento para o meio social ao qual pertencem.

Sendo assim, há aqui o consenso de um corpo ancestral que encontra na figura do mestre, alguém com profunda ligação com a tradição; permite a perpetuação dos saberes para que se preservem os antepassados, presentes na memória coletiva (ABIB, 2004). Como a capoeira e os mestres têm muito a ensinar, é essencial maior compreensão do potencial pedagógico no universo de vasta riqueza cultural. Além do mais, existe uma perene necessidade de se buscar as raízes, tradições e ritualizações que permitam a valorização da herança cultural dos negros para além das relações individualistas, tão valorizadas na sociedade contemporânea.

## **2 - O corpo individual e o corpo coletivo**

O ser no mundo refere-se ao indivíduo tanto em sua unidade, quanto como coletividade existencial. Segundo Gonçalves (2012), a cultura imprime suas marcas no indivíduo, com isso, o corpo de cada um revela sua singularidade pessoal. Santin (2011) também corrobora o mesmo pensamento, salientando que cada um constrói a sua imagem de corpo com base na própria experiência.

Além disso, Santin (2011) acrescenta que, a partir do momento que o indivíduo avança os limites da própria experiência corpórea, passa a olhar-se em uma ótica das imagens corporais existentes no coletivo. Ao contrário, agora prevalecem os modelos impostos culturalmente em determinado contexto. Com isso, as relações sociais são fundamentais na maneira de ser e estar no mundo, uma vez que o homem transforma a sua realidade ao mesmo tempo que cria e se modifica a si mesmo, em um processo dinâmico.

E, é nesse viés, que o projeto oportunizou aos jovens envolvidos participar crítica e criativamente, adquirindo vivências ainda que em situação de privação de liberdade pessoal e política. Com isso, poderão exercer de modo consciente sua cidadania, inclusive após o cumprimento da medida socioeducativa. Desse modo, espera-se deles uma conscientização e participação ativa na sociedade, com autonomia e liberdade, rumo à autorrealização como sujeitos de sua história social. Conforme está expresso na fala de um dos jovens: “Eu quero mais é sair daqui e voltar a estudar e largar dessa vida e praticar capoeira. Quero uma nova vida”.

Não é à toa que o mundo humano é o mundo da cultura, do coletivo. Tanto é que as relações sociais estabelecidas diariamente, são mais complexas na medida em que atendem a modelos diversos, permitindo às pessoas assumirem uma infinidade de identidades e papéis sociais. A esse respeito, Feitosa (2016) nos alerta quanto ao saber da experiência, constituído e praticado pela coletividade no contexto social. Esse saber está diretamente associado, além da subjetividade inerente de cada indivíduo, à forma como convive com o outro e com o mundo.

Encontramos na fala de um jovem a perspectiva recorrente da mudança individual presente nos discursos; os hábitos e as regras a serem aplicadas pelos indivíduos enquanto parte de um grande sistema e que são, unicamente, responsáveis por seus atos:

“A capoeira em si é uma arte, uma coisa que eu pretendo levar para a minha vida toda, porque foi com ela que eu aprendi muitas coisas. Conheci muitas pessoas que erraram, erraram mesmo, mas com a ajuda da capoeira eles conseguiram dar a volta por cima de tudo, dos erros, das barreiras que eles não conseguiam quebrar, mas que, graças a Deus, hoje melhoraram bastante.”

Há no enunciado anterior menção ao contato com outros praticantes de capoeira, em especial, um dos professores partícipes do projeto que, durante as rodas de conversa, relatou também ter passado por experiência similar, sendo privado de liberdade em sua adolescência. Informou também que foi adicto e a Capoeira o colocou em um caminho diferente. Caso contrário, se não fosse o grupo e o mestre, não teria saído facilmente da situação de vulnerabilidade social em que se encontrava naquele período. Essa experiência foi significativa pela influência positiva da capoeira e identificação dos jovens com a própria história de vida, como percebido no referido posicionamento discursivo.

Na fala dos agentes notou-se certo deslocamento do coletivo para o ato responsável e individual. A fala a seguir foi enunciada por um agente socioeducativo e

expressa o corpo individual como solução para a mudança: “[...] e saber que eles são capazes de ter mudança, que só depende deles”.

É notável o deslocamento discursivo propiciado pelo agente no sentido de voltar a responsabilidade para o sujeito, excluindo quaisquer influências e possibilidades da sociedade, do coletivo. A contradição entre a relação do sujeito e do mundo que o cerca fica marcada nos discursos dos jovens e dos agentes. Segundo as palavras de outro jovem:

“[...] para eu sair daqui com o pensamento e amadurecimento não de rapaz e sim de um homem pronto para assumir grandes responsabilidades e deveres, porque a capociência influenciou muito na minha vida e eu quero seguir a minha vida e planos para o futuro.”

O discurso do jovem aponta para a mudança de pensamento com o termo “amadurecimento” e da relação entre rapaz/homem, revelando que a maturidade se inscreve na assunção de responsabilidades sociais. Assim, quando menciona a influência do projeto “capociência”, retoma a coletividade, a capoeira enquanto corpo coletivo, como forma de mudança. Diverge do agente na fala anterior que apresentava uma noção mais individual para o processo de ressocialização. De acordo com Soares (2004), a capoeira escrava só resistiu às marginalizações e exclusões que sofreu durante o período imperial brasileiro por sua característica coletiva.

Há um contraste evidente entre a noção coletiva e individual sobre os corpos, enquanto forma de ser e estar no mundo, nos posicionamentos discursivos de agentes e jovens. Para a capoeira, a unidade é a roda, que pode ser definida como o espaço-tempo em que essa manifestação cultural se materializa. Os ritos, os gestos e os movimentos guardam a imaterialidade ancestral na materialidade dos corpos em diálogo e que ocorre a partir de uma cosmovisão própria. As dualidades entre arte/luta; golpes/danças; ritmo/técnica perpassam seus praticantes e confundem o observador; no vacilo da dúvida ela se mantém como símbolo de resistência cultural. O enunciado a seguir expressa a mobilização do sujeito frente à experiência da capoeira como diferente maneira de lidar com as dualidades:

“Significou uma experiência que vai agregar na minha vida, a capociência mostrou pra nós que ela não é violência, bater nos outros, mas ela é uma arte, ela ensinou a ter respeito com todos independente da cor, da origem, etc, ensinou a ser unido a ajudar os outros.”

A experiência torna-se válida a partir da solidariedade radical e pela diferença cultural com práticas e valores epistemologicamente dominantes, um princípio da interculturalidade crítica que busca a superação das assimetrias pela diferença e não pela diversidade cultural. Como as atividades do referido projeto “Capociência” ocorreram em aulas de ciências, o discurso científico era uma constante ao longo das atividades. Mesmo sem a indução dos conteúdos escolares, a figura dos professores levava à discussão sobre estas duas formas de ver os fenômenos que nos cercam. A unidade na ciência escolarizada é o indivíduo, que ensina ou que aprende; a unidade na capoeira é a roda. Essa diferença marcada nos discursos circulantes promoveu, ora por consensos, ora por dissensos, a aproximação com o diferente.

Além disso, o sentimento de pertença e o papel da musicalidade e do ritmo, com as palmas, os instrumentos, para o desenrolar dos movimentos, trazem a coletividade como condição para a capoeira. O “axé” da roda como algo coletivo e não individual. A partir do contraste entre o corpo coletivo e o corpo individual, nota-se o deslocamento discursivo que permite a reafirmação de identidades e uma busca de ser e estar no mundo sendo reconhecido pelo Outro.

Importante considerar as práticas sociais e processos educativos para discutir o “ato infracional”, não só como decisão do sujeito, mas como subproduto das relações sociais pautadas na desigualdade e na violência física e simbólica. A perspectiva intercultural, segundo Candau (2008), é uma maneira de buscar uma Educação sensível à diversidade cultural em um contexto de extensas assimetrias sociais e econômicas. Assume, sobremaneira, o diálogo entre os diferentes grupos socioculturais como forma de considerar a realidade de vivências de cada sujeito.

### **3 - O corpo máquina e o corpo mandinga**

É fato que vivemos em um mundo profundamente racionalizado. E, com isso, estamos perdendo a noção de totalidade, e mesmo das implicações sociais, culturais e humanas nessas especializações. E assim, vamos, inclusive, perdendo a capacidade de interpretar mensagens do nosso próprio corpo e, quando conseguimos escutá-las, temos dificuldades para entendê-las. Frente a isso, Kunz (2012: 23) explica que, com o excesso do que ele denomina “razão intelectual calculista”, tende a se perder a sensibilidade corpórea.

Acostumamo-nos, desse modo, a pensar segundo uma lógica formal, reduzida a uma razão quantificável e mensurável. Isso explica as diferentes concepções do discurso em relação ao corpo, principalmente ao compararmos com elementos simbólicos da capoeira, em movimentos como a “negativa”, a “negaça”, “a chamada”, e as próprias letras das músicas que mostram um ponto de vista por oposição, que compõe a totalidade.

“[...]aprendi a consciência que a capoeira passa e aprendi que capoeira não é só uma luta mais sim uma arte da tradição brasileira.  
[...]Eu acho que capoeira não é só uma briga é uma dança”

Os enunciados anteriores, proferidos por dois jovens participantes do projeto, revelam a noção diferente da dualidade mutuamente excludente que é característica do pensamento ocidental moderno. Ela é luta “e” dança, é luta “e” tradição, ou seja, apresentam a ideia de uma coisa “e” outra e não uma coisa “ou” outra. Trata-se de evidências da apreensão das contradições vividas a partir das práticas corporais, a oposição como forma de construir pensamentos de forma dialética a partir do corpo. A soma das partes não explica o todo, mas a relação social, em sua totalidade, os movimentos de sim e não, ao mesmo tempo na capoeira. São relações estabelecidas para a representação do corpo que questionam o cenário de certezas, o fisiologismo social, a meritocracia. Frente à ideia de um corpo dialético, não cindido, sociocultural.

E isso, também foi pontualmente demonstrado na narrativa, ao retratar a fala de um personagem escrita pelos jovens: “[...] Ela se irrita e comenta que o marido sempre fala que capoeira é uma luta para atacar e gerar violência”. No entanto, esclarecem com precisão: “[...] João explica que capoeira é uma forma de arte, uma defesa e uma forma de dança que permite ao corpo bastante ginga. Mas tudo com base no respeito pelo próximo”.

O discurso do corpo-máquina, engendrado por Descartes no século XVII, estabeleceu padrões de movimentos marcados pela dicotomia corpo e mente, que ainda hoje influenciam fortemente as práticas corporais. Segundo Nóbrega (2010), ocorre assim uma fragmentação entre o saber lógico (razão) e o saber sensível. Diferente da prática da capoeira, que busca a visão integral do corpo e que foi vivenciada nas oficinas (Figuras 4)

Figuras 4 - Vivências práticas do Projeto Capociência



Fonte: Arquivo dos proponentes do projeto (usada com autorização)

A mandinga (ABIB, 2004; DIAS, 2009; LUCENA; TRIGUEIRO, 2018) é aqui entendida como a contradição em si, a negativa ao movimento do ataque, o contra-ataque, ou seja, uma maestria em surpreender o outro de modo rápido, criativo e eficaz. Constitui a habilidade do “jogo de cintura”, qualidade de um renomado capoeirista, aquele que tem malemolência, astúcia, artimanhas. Por exemplo, ora cambaleia de um lado para o outro, como se estivesse bêbado, expressa sorriso, mas com olhar traiçoeiro, surpreendendo repentinamente seu adversário, até conseguir seu intento. Em outras palavras, não fica restrito ao conceito atribuído à feitiçaria, reza ou mesmo magia. A diferença reside em algo a ser valorizado nos processos de ensino, a superação das desigualdades pela própria contradição e por meio da luta e da resistência dos “corpos”. Como a seguir retratado no testemunho deste jovem:

“A capociência me ensinou o amor da luta que a luta não usa só para o mal mas sim para o bem, ensino que somos iguais, não a diferença entre as cores da pessoas, não ter preconceito contra os negros e branco somos todos iguais, ensinou o amor da luta, agradeço muito pela oportunidade que nus deram e pela confiança que teve em nois. É uma arte e também um rito de respeito com as pessoas e principalmente com os negros que eles sofria demais com isso por não serem aceitos ou bem visto por pessoas que tem esse preconceito, aprendi que a capoeira também é respeito para com as pessoas, que independente da cor da pele, ou jeito de ser de uma pessoa, não podem apenas jogar pela aparência e sim ver quem realmente ela é de verdade, para a capoeira foi o melhor projeto que já existiu”.

O enunciado traz a dimensão do respeito e do preconceito em um contexto de privação de liberdade. A contradição entre o que se diz e o que se vive reitera a mandinga do jogo das palavras, daquilo que incluem e destacam do lugar subjugado para uma possibilidade de reverter a situação. Chama a atenção o fato da visibilidade do importante

papel desempenhado pela capoeira ao agregar elementos de identificação das diferenças culturais, contudo sem deixar de lado a história de opressão da qual ela é oriunda. A possibilidade de diálogo entre os corpos abre um universo de possibilidades, cuja organização em roda estabelece uma conexão ou mesmo ligação espiritual entre os participantes (ABIB, 2004).

Assim, a exclusão social se traduz em sentimentos e ações, tais como ira e inconformismo. Sem dúvida, essa situação mereceu destaque na cena um da narrativa, ao apontarem: “O menino pobre acaba sendo preso e fica com toda a responsabilidade.” Ao possibilitar a construção de uma narrativa autoral – com representação das personagens em pintura –, e atuação teatral da mesma a partir das práticas da capoeira, podemos afirmar que elementos desta construção coletiva revelam figuras dos discursos que certamente são silenciadas em ambiente de privação de liberdade.

Assim, ao analisar trechos do texto coletivo e das representações pictóricas, é possível notar o uso do recurso como forma de dizer o que não pode ser dito, em outras palavras o emprego de palavras aceitas moralmente, tal como o “amor”, o “respeito”, o “não preconceito”, trazendo a relação espaço-temporal para o passado histórico e uma estrutura de romance novelesco. Isso para evidenciar formas da opressão, dos silenciamentos e da violência simbólica que estão postos no sistema socioeducativo. Elementos presentes nas produções e que evidenciam o “corpo mandinga” apreendido com as práticas da capoeira.

E é nesse sentido que o Projeto Capociência possibilitou uma experiência que lhes permitiu dialogar com os diferentes saberes, enaltecendo a capoeira enquanto prática sociocultural e educativa, produzida historicamente pelo povo brasileiro. O depoimento deste jovem, transcrito a seguir, nos ajuda a elucidar essa discussão:

“O Projeto capociência significou muito nos meus hábitos no dia-a-dia. Me ensinou que a humildade e respeito estão em primeiro lugar ao redor da sociedade que eu convivo, ajudou muito no meu autocontrole tanto como físico quanto psicológico, mas as vezes acabo esquecendo dos ensinamentos da capociência e fico ansioso ou meio nervoso, pois estou longe da minha família, trabalho e amigos.”

No contexto da capoeira, o corpo mandinga designa de forma simbólica, as qualidades de um bom capoeirista, tanto na malícia, como fazendo fintas, fingindo golpes e iludindo o adversário, preparando-o para um ataque certo, pois na verdade, sua meta

consiste em ludibriar o oponente, tirando sua atenção, para então, atacá-lo de maneira inesperada (ABIB, 2004; DIAS, 2009). É uma forma de pensar a dialética da mandinga, identificar as situações limitadoras e superá-las.

Parece-nos relevante refletir acerca da cena quatro da narrativa, que desvela o que de mais enriquecedor o projeto pode proporcionar a esses jovens: possíveis diálogos entre os saberes populares e saberes científicos, aqui em especial o estudo das ciências. Trata-se de uma dinâmica interdisciplinar, que enfatiza, sobretudo, os aspectos positivos da cultura e produção de conhecimentos, bem como o (re)pensar e colocar em prática princípios, atitudes e valores oriundos da capoeira:

“Pedro e Feijão percebem que suas convivências eram pequenas demais para alimentarem tanta discórdia. Eles poderiam ter convivido e ter escrito outra história. Uma história de mais respeito às diferenças, união, igualdade entre as pessoas e amizade, assim como prega a capoeira.”

Nesse sentido, a capoeira propicia a formação humana dos sujeitos envolvidos, fomentando uma constante autorreflexão e autoavaliação; possibilita assim, (re)pensar, rumo ao “ser mais”, a auto superação, ou melhor, a sua transcendência. Enfim, é uma práxis educativa transformadora e libertadora, que se aproxima de uma Educação Inclusiva pois considera as relações de poder das instituições sociais, e que por isso compreende a medida socioeducativa como ato pedagógico, como forma de se perceber no mundo, de identificar-se e empoderar-se de ações e projetos que recoloquem o jovem na vida social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como principais resultados é possível indicar a construção teórica de concepções sobre o corpo na cosmovisão da capoeira, bem como para os participantes do projeto. Os discursos revelam relações de docilização e disciplinarização dos corpos, em contradição com perspectivas de valorização das diferenças e reinserção social. Aspectos fundamentais no debate da Educação Inclusiva que conceba os processos educativos no cerne de práticas socioculturais que remetem à identidade e sentimento de pertença.

Sob este prisma é possível entender a capoeira, enquanto manifestação cultural afro-brasileira, como uma importante tecnologia educacional que guarda em si elementos híbridos e interculturais entre saberes de diferentes cosmovisões e epistemologias. Essa

temática aparece como elemento mediador de diálogos possíveis entre saberes populares e saberes científicos escolares e traz para a pauta do dia justamente o que os colonialismos reiteram em anular: o corpo.

A partir da sistematização realizada no presente trabalho, foi possível identificar diálogos entre os diferentes saberes emergentes da concepção/percepção sobre o corpo nos discursos dos sujeitos participantes. Uma experiência que transcende a observação-participante, indo além das construções e produções elaboradas pelos jovens, pois se trata de uma experiência singular, que Larrosa (2011) tão bem revela em seus estudos, como algo significativo para os sujeitos, pelo fato de ser tocado e mexido, formando e transformando maneiras de pensar, agir e sentir.

O Projeto Capociência despertou nestes jovens, múltiplos sentidos e alcances, enquanto espaço fecundo de construções individuais e coletivas. Propiciou uma experiência interdisciplinar, a quebra de resistência em uma instituição privativa de liberdade, ratificando o acordado na Conferência Mundial de Salamanca (1994), na luta contra as desigualdades e opressões, como uma oportunidade de defender e promover os direitos dos grupos excluídos, ao longo da história, dos sistemas educacionais (FERREIRA, 2006).

## REFERÊNCIAS

ABIB, P. R. J. **Capoeira angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. 2004. 173 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais Aplicadas à Educação, Unicamp, Campinas, 2004.

ARAÚJO, R. C. **Abrindo a roda: conhecimentos que gingam**. Revista Z Cultural-programa Avançado de Cultura Contemporânea, Rio de Janeiro, p. 2-2, 2015. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/abrindo-a-roda-conhecimentos-que-gingam>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

BODGAN, R. C; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução de Maria João Alvarez; Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Ed, 1994.

BONFIM, E. E.; COSTA, M. A. **Capoeira e ancestralidade na ritualização das fronteiras étnicas na vida urbana**. In: 28ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, São Paulo, 2012.  
CANDAU, V. M. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 45-56, 2008.

CUNHA, E. O.; DAZZANI, M. V. M. A escola e o adolescente em conflito com a lei: desvelando as tramas de uma difícil relação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, 2016, vol. 32, n. 1, pp. 235-259. ISSN 0102 4698. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698144008>.

DIAS, A. A. A mandinga e a cultura malandra das capoeiras. **Revista de História**, v. 1, n. 2, p. 53-68, 2009.

FEITOSA, D. A. A educação popular como um saber de experiência. **Revista Educação Popular**, Uberlândia, 2016, vol. 15, n. 1, p. 44-55. DOI: <https://doi.org/10.14393/REP-v15n12016-art03>

FERREIRA W. B. **Inclusão x exclusão no Brasil**: Reflexões sobre a formação docente dez anos após Salamanca, p. 212- 238, 2006.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar, agir**: corporeidade e educação. 15. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

GURALH, S. A. **O regime de privação de liberdade sob enfoque da socio educação**: experiência do Centro Socioeducativo Regional de Ponta Grossa. 196 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Direito e Cidadania) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa, 2010.

KUNZ, E. **Didática da educação física** 2. 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2012.

LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul./dez. 2011.

LUCENA, R. F.; TRIGUEIRO, N. M. Educação, jogo de corpo e "mandiga" na capoeira de bimba. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 38, n. 104, p. 89-102, 2018.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, S. A. M.; ARAÚJO, R. C. Capoeira Angola, corpo e ancestralidade: por uma educação libertadora. **Horizontes**, Salvador, v. 33, n. 2, p. 99-112, 2015.

MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. Educação física, esporte e corporeidade: associação indispensável. In: MOREIRA, W. M.; NISTA-PICCOLO, V. L. (Org.). **Educação física e esporte no século XXI**. 1. ed. Campinas – SP: Papirus, 2016, v. 1, p. 133-152.

NÓBREGA, T. P. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

PADOVANI, A. S.; RISTUM, M. A escola como caminho socioeducativo para adolescentes privados de liberdade. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 969-984, 2013.

SANTIN, S. Perspectivas na visão de corporeidade. In: MOREIRA, W. W. (Org.) **Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papirus, 2011. p. 51-69.

SOARES, C. E. L. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. In: SOARES, C. E. L. (Org). 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2004.

SOUZA E. C. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação Santa Maria**, v. 39, n. 1, jan./abr., p. 39-50, 2014.

TEIXEIRA, J. Sistema socioeducativo em questão: as tensas relações entre o punitivo e o educativo. **Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade**, n. 12, p. 223-254, 2015.

UNESCO. **Convention pour la Sauvegarde du Patrimoine Culturel Immatériel - Le Cercle de Capoeira**. Paris, UNESCO, 2014.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades especiais**. Salamanca/Espanha 1994.

VOLPI, M. **O adolescente e o ato infracional**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VOLPI, M. (Org.). **Adolescentes privados de liberdade: a normativa nacional e internacional e reflexões acerca da responsabilidade penal**. São Paulo: Cortez, 2014.

WALSH, C. Estudios (inter)culturales en clave decolonial. **Tabula Rasa**, n. 12, p. 209-277, 2010.

Recebido em: 20/02/2020

Parecer em: 05/05/2020

Aprovado em: 30/05/2020